

Mundos do Trabalho

Publicação Eletrônica Semestral do GT “Mundos do Trabalho” - ANPUH

GRUPO DE TRABALHO “MUNDOS DO TRABALHO”
(<http://www.ifch.unicamp.br/mundosdotrabalho/>)

Coordenação Nacional

Paulo Fontes

Coordenações Estaduais

Mato Grosso Do Sul

Vitor Wagner Neto de Oliveira

Rio Grande Do Sul

Diorge Alceno Konrad - Coordenador

Clarice Gontarski Esperança - Vice Coordenadora

Santa Catarina

Adriano Luiz Duarte

São Paulo

Dainis Karepovs



<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho>

Equipe Editorial

EDITORES

Deivison Gonçalves Amaral, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Fabiane Popinigis, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Marcelo Mac Cord, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Oswaldo Batista Acioly Maciel, Universidade Estadual de Alagoas e Universidade Federal de Alagoas, Brasil
Samuel Fernando de Souza, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Vinícius de Rezende, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Fortes, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Antonio Luigi Negro, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Barbara Weinstein, New York University, Estados Unidos
Beatriz Ana Loner, Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Beatriz Mamigonian, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Cláudio Henrique de Moraes Batalha, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Dick Geary, Nottingham University, Grã-Bretanha
Flavio dos Santos Gomes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
John D. French, Duke University, Estados Unidos
José Ricardo G. P. Ramalho, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
José Sérgio Leite Lopes, Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Juan Suriano, Universidad de Buenos Aires, Argentina
Marcel Van Der Linden, International Institute of Social History, Holanda
Marcelo Badaró Mattos, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Marco Aurélio Santana, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Célia P. M. Paoli, Universidade de São Paulo, Brasil
Michael McDonald Hall, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Michel Ralle, Université de Paris IV (Sorbonne), Paris
Mirta Zaida Lobato, Universidad de Buenos Aires, Argentina
Norberto Oswaldo Ferreras, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prabhu Mohapatra, University of Delhi, Índia
Sidney Chaloub, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Vitor Wagner Neto de Oliveira, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil

GERENTE

Henrique Espada Lima Filho, Universidade Federal de Santa Catarina

Ficha Técnica

ORGANIZAÇÃO DO NÚMERO

Adriano Luiz Duarte e Jean Rodrigues

REVISÃO DE TEXTO

 *Ília Mezzomo*

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E REVISÃO TÉCNICA

João Carlos Furlani

COLABORARAM COM ESSE NÚMERO (consultores *ad hoc*)

Clarice Esperanza, Luigi Biondi, Paula Nomelini, Leonardo Mello e Silva, Elizabete Rodrigues da Silva, Graciela Queirolo, Leonardo Pereira.

DOSSIÊ

Movimentos sociais urbanos

Apresentação

Adriano Luiz Duarte

Jean Rodrigues

O que delimita, o que abrange, afinal, a *história social do trabalho*: os seus temas/problemas próprios ou os modos específicos de abordá-los? A questão persistiu ao logo de toda a organização do dossiê *Movimentos sociais urbanos*, ora apresentado. A dúvida é ainda mais cabível pelo fato de o convite para organizar o presente número nos ter sido feito supondo-se que o anterior seria dedicado aos *movimentos sociais rurais*; esse era, portanto, nosso horizonte de expectativas (por razões técnicas, os editores optaram pela inversão dos dossiês).

Nos últimos anos, a história social do trabalho /orienta-se pela superação de dicotomias que demarcaram nosso campo de pesquisas. Nesse movimento, os estudos sobre pós-emancipação reconfiguraram os limites, por exemplo, entre “trabalho escravo” e “trabalho livre”, escravidão e imigração. Do mesmo modo, parece haver o esforço para ultrapassar divisões pouco elucidativas entre rural e urbano, arcaico e moderno, nacional e estrangeiro. Num certo sentido, os pesquisadores caminham para isso, enfatizando as continuidades entre práticas recorrentes nas fazendas escravistas e nas indústrias de ponta do capitalismo mais avançado; as conexões entre o rural e o urbano; as permanências do trabalho dependente, precário ou em condições análogas às da escravidão na chamada I República – apenas para citar exemplos caros aos estudiosos dos *mundos do trabalho*.

Mas ao que tudo indica, esse é um caminho com avanços e recuos; e, muitas vezes, os avanços parecem mais semânticos que empíricos. Diante dessa constatação, buscamos montar um dossiê que, mesmo dentro de certos limites, fosse transdisciplinar, e recusasse as dicotomias mencionadas que ainda parecem marcar nossos objetos de pesquisa, bem como as divisões convencionais das ciências humanas. Assim, temos nove artigos, escritos por sociólogos, geógrafos, cientistas sociais e também historiadores, abordando temas relacionados ao Sul, Sudeste e Nordeste do país. Os dois primeiros – *Os movimentos sociais como campo de pesquisa nas ciências humanas*, de Leonilde Servolo, e *A temática dos movimentos sociais urbanos no Brasil dos anos 1970/80*, de Marco Antônio Perruso – concentram-se em balanços teóricos sobre os movimentos sociais urbanos. No primeiro, a autora percorre os temas caros à sociologia dos movimentos sociais, destacando desde a constituição do campo de análise dos movimentos coletivos até as mudanças recentes, tanto de suas formas organizacionais quanto dos deslocamentos teóricos envolvidos nessas transformações. No segundo, a preocupação dirige-se à emergência dos movimentos sociais na década de 1970 e análise que enfatizava a autoconstrução desses movimentos, mais que as condições estruturais de sua aparição.

A organização e a atividade das associações de socorro mútuo de Florianópolis - SC (1886-1930), de Rafaela Leuchtemberger, se ocupa da organização dessas sociedades, ultrapassando os marcos cronológicos convencionais e indagando: quem se associava, por qual razão o fazia?

Elite operária ou trabalhadores em luta? Experiências ferroviárias na cidade Ponta Grossa – Paraná (1950-1970), de Rosângela Maria Silva Petuba, centra-se na experiência dos trabalhadores ferroviários e de suas famílias, problematizando a noção de “elite operária”, comum na década de 1950 e que acompanhou a decadência da ferrovia em face da opção rodoviária.

O movimento de favelas de Belo Horizonte e o Departamento de Habitações e Bairros Populares (1956-1964), de Samuel Silva Rodrigues de Oliveira, apresenta a organização de trabalhadores favelados na capital mineira. Na análise, estão presentes temas como identidade operária, urbanização e ação política dos trabalhadores.

Em *A hora da travessia: reinventando o brizolismo e o trabalhismo*, Izabel Cristina Gomes da Costa discute a construção do projeto político brizolista no final do período ditatorial brasileiro, no qual, para a autora, aparecem elementos reinventados do trabalhismo das décadas anteriores, mesclados com perspectivas e temas próprios dos anos 1980.

Em movimento: trabalho em canaviais e trajetórias de trabalhadores no Triângulo Mineiro nas últimas décadas, de Paulo Roberto Almeida e Sérgio Paulo Morais, problematiza a agroindústria canvieira na perspectiva dos cortadores de cana do triângulo mineiro, assim como a luta destes pelo acesso a terra, as questões ambientais e as novas tecnologias de colheita.

Sindicalismo e trabalhadores em cooperativas no Oeste do Paraná (décadas de 1990 e 2000), de Rinaldo José Varussa, trata da constituição do sindicato dos trabalhadores em cooperativas naquela região, concentrando-se nas suas formas de atuação e na articulação entre categorias específicas de trabalhadores.

Os movimentos populares e o fetiche da participação no governo Lula, de Cibele Maria Lima Rodrigues, aborda a experiência de participação de diversas organizações sociais no Conselho Nacional das Cidades, com destaque para as disputas entre demandas populares e a agenda governamental.

Assim, ainda que de forma nem sempre explicitada pelos autores, é perceptível nos textos do dossiê a presença da política institucional tanto quanto da cultura política, já que a experiência dos trabalhadores é indissociável delas. Isso fica claro na objeção de E. P. Thompson à expressão “história vista de baixo” – atribuída pelo editor de *The Times Literary Supplement* a seu texto publicado em 1966 –, já que ele “resistia a todo tipo de história que não desse atenção às estruturas de poder na sociedade”, segundo Dorothy Thompson.¹

Terminada a organização deste volume, ficamos com a forte sensação de que muitos temas, bem como determinadas regiões do país, ainda não foram suficientemente contemplados. Por exemplo, os movimentos de esquerda, os partidos políticos e suas

¹ Thompson, Dorothy. Introducción. In: *Thompson obra esencial*. Barcelona: Crítica. 2002, p. 10.

trajetórias, que aparecem mais nos encontros de história política do que nos *mundos do trabalho*; ou os temas da cultura que escapam da cultura política ou militante, como música, cinema, teatro, literatura, que parecem ter pouco espaço entre nossas preocupações e nossos simpósios temáticos. Contudo, fica claro para nós que a história social do trabalho – o nosso *mundo do trabalho* – deve acolher de forma mais clara também esses objetos de estudo.